

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Kotick, a Foca Branca
Os Cães Vermelhos



Rudyard Kipling

5

Esta é mais uma publicação

TAFARA

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Volume 5

- Kotick, a Foca Branca

- Os Cães Vermelhos

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Tradução: Monteiro Lobato

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2003

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Oswaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon



APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS



A FOCA BRANCA

Dorme, criança! Em torno a Noite é escura!
A água dantes verde ora preta fulgura.
Nos céus a lua vem nos procurar
Quietos, em sonho, no seio do mar.
Entre as vagas agora, vai fazer teu ninho
Meu lindo nadador, desliza de mansinho.
Tubarões ou tormentas não vêm te ferir.
O mar é embalador! Principia a dormir!

Balada da Foca

O que vou contar aconteceu há muitos anos, num lugar de nome Novastoshnah, situado no extremo nordeste da ilha de São Paulo, lá longe, lá muito longe, no mar de Bering. Limmershin, o passarinho do inverno, mo narrou, quando se viu lançado pelo vento ao tombadilho dum barco de rumo ao Japão. Eu o havia levado para a minha cabina, onde o aqueci e alimentei durante dois dias, até que ficasse em estado de voltar para terra. Limmershin é um passarinho maroto, mas que sabe dizer a verdade.

Ninguém vai a Novastoshnah a não ser para negócios, e só as focas fazem negócios com essa terra. Chegam sempre pelos meses do estio. Contam-se por centenas e centenas de milhares as que emergem as cabeças negras de dentro do mar grisalho, isso porque as praias de Novastoshnah lhes oferecem mais comodidades do que qualquer outro lugar no mundo. Sea Catch sabia disso e em consequência partia de onde estivesse, varando as águas como torpedeira, de rumo a Novastoshnah, onde passava todo um mês a bater-se com as focas para conseguir um bom lugar nos rochedos, o mais perto possível da água. Tinha então quinze anos de idade e era um enorme macho cinzento, cuja pelagem no pescoço dava idéia de crina e cujas longas presas à mostra assumiam um ar de mau.

Quando Sea Catch se erguia sobre as natatórias dianteiras, dominava de quatro pés de altura o ambiente; e seu peso - se fosse possível pesá-lo - devia atingir setecentas libras. Embora já estivesse todo recoberto de cicatrizes relembrotivas de passadas lutas, Sea Catch mostrava-se sempre apto para uma nova batalha. Costumava trazer a cabeça inclinada dum lado, como medroso de encarar de face um inimigo; mas se a projetava para a frente, era num movimento rápido como o raio; e se cravava os caninos no pescoço de outra foca, esta que deles se arrancasse como pudesse, porque Sea Catch não lhe facilitaria de nenhum modo a façanha. Apesar disso Sea Catch jamais castigava a foca já vencida, por ser coisa contrária à Lei da Praia. Tudo quanto procurava se resumia num bom ponto junto ao mar, para fazer o ninho; havia, entretanto, quarenta ou cinqüenta mil rivais por ali espalhados, cada primavera, procurando a mesma coisa, de modo que os silvos, os latidos, os urros e os guinchos consequentes formavam na praia um terrível concerto.

Duma pequena colina, chamada Morro de Hutchinson, descortinava-se uma área de três milhas de raio coberta de focas em atitudes combativas, e a espuma do mar pintalgava-se, por toda a baía, de cabeças rumantes à praia, ansiosas de também tomarem parte na luta. Batalhavam nos rochedos onde o mar se quebra na areia, sobre os basaltos polidos pela fricção e entre os pedrouços onde costumavam estabelecer os ninhos, porque as focas são tão estúpidas e difíceis de se arrumarem na vida como os homens. Muitas só chegavam à ilha em fins de maio, ou começos de junho, e vinham apenas para serem lanhadas fundo; as focas novas, de dois, três e quatro anos, que ainda não haviam dado cria, avançavam cerca de um quilômetro terra adentro, através da massa das combatentes, e ficavam a brincar nas dunas em bandos numerosos, que não deixavam nenhuma verdura em redor. Chamavam-se *holluschickies* - ou solteiras, existindo só em Novastoshnah umas duzentas ou trezentas mil.

Sea Catch acabava de vencer a luta número quarenta e seis quando a meiga Matkah, sua esposa de olhos cariciosos, saiu do mar. Sea Catch tomou-a pela pelanca do pescoço e arrastou-a brutalmente para o ninho, rosnando.

- Atrasada como sempre, hem? Onde andaste metida?

Sea Catch tinha o hábito de nada comer durante os quatro meses que permanecia na praia, e por isso era constante o seu mau humor. Matkah, muito experiente da vida para responder no mesmo tom, olhou em tomo e murmurou com ternura:

- Que boa idéia! Escolheste o mesmo ponto de outrora.

- Conquistei-o, sim, respondeu ríspido Sea Catch. Olha.

Estava rasgado e sangrento em vinte pontos do corpo, com um olho quase furado e os flancos em molambos.

- Oh, estes machos, estes machos! exclamou Matkah movendo as natatórias posteriores. Por que não escolhem seus lugares em paz, por mútuo acordo? Estás com ar de quem se bateu com a Orca que mata as baleias.

- Não tenho feito outra coisa senão bater-me, desde meados de maio. A praia está muito cheia este ano, uma lástima. Topei com, pelo menos, cem focas de Lukannon em procura de abrigo. Por que não ficam por lá onde moram?

- Tenho pensado que seríamos talvez muito mais felizes se frequentássemos a ilha de Otter, em vez desta praia tão cheia, sugeriu Matkah.

- Ora! Unicamente as *holluschickies* vão para Otter. Se formos também, hão de dizer que é medo. Temos que guardar as aparências, minha cara.

Sea Catch enterrou a cabeça no pescoço e fez menção de dormir, mas com um olho só, porque precisava estar sempre alerta para alguma nova luta.

Agora que todas as focas acasaladas se achavam na praia podia-se-lhes ouvir o vozeio de muitas milhas de distância, vozeio que dominava até as mais ruidosas tempestades. Calculando baixo, havia por ali um milhão de focas... focas velhas, focas criadeiras, focas moças e *holluschickies*... combatendo, rebolando, balindo, latindo, rastejando e brincando juntas, descendo ao mar e retornando abandonadas, cobrindo literalmente o terreno até onde a vista pudesse alcançar e dividindo-se em brigadas para escaramuças dentro do nevoeiro. Faz sempre nevoeiro em Novastoshnah, salvo quando o sol aparece para dar às coisas, por instantes, tons de pérola e arco-íris.

Kotick, o filhote de Matkah, nasceu no meio daquela confusão. Era todo cabeça e ombros, com pálidos olhos cor d'água como todas as foquinhas novas; mas havia algo em sua pelagem que muito impressionava sua mãe.

- Sea Catch, disse por fim Matkah, nosso filhinho vai ser branco!

- Conchas vazias e algas secas! blasfemou Sea Catch num espirro. Nunca houve no mundo nada semelhante a uma foca branca.

- Não tenho culpa disso, observou Matkah, mas vai surgir a primeira.

Antes de seis semanas não nadarás, não?
Senão tua cabeça teu pé afundará.
As baleias do mar e os ventos do verão
São maus para as focas infantés.

São maus para as foquinhas, meu ratinho,
São de uma maldade sem par.
Porém chafurda e forte crescerás
Que sempre assim com a razão estarás,
Filho do aberto mar!

E cantou a meia voz a remorosa cantiga cheia de conselhos que todas as mães focas cantam para os seus filhotes. A foquinha está claro que nada entendeu, e limitava-se a dar com as natatórias na areia molhada, sempre ao lado de sua mãe, e a afastar-se quando o pai rolava por terra, aos urros, atracado com outra foca. Matkah saía para longe em busca de coisas de comer, e o filhote alimentava-se em dois em dois dias, comendo então por quatro.

A primeira coisa que Kotick de moto próprio fêz foi afastar-se para o interior, onde descobriu milhares de filhotes da sua idade, a brincarem como cãezinhos e a dormirem sobre a areia branca. Os pais não se ocupavam com eles e as *holluschickies* se conservavam a distância, em sua zona, de modo que a criançada se divertia



maravilhosamente. Quando Matkah regressava das excursões de pesca, dirigia-se àquela «nursery» de «babies» e gritava chamados, como a ovelha faz para o cordeirinho, até que Kotick ouvisse e respondesse. Movia-se então em linha reta para o lado do filhote, abrindo caminho por entre a legião das foquinhas, que eram reviradas de barriga para o ar, lado a lado, como o ferro da charrua revira a terra. Havia sempre naquelas dunas uma centena de mães em procura da prole, de modo que as pequenas focas tinham necessidade de arregalar o olho e apurar os ouvidos. Mas o lugar era seguro, como Matkah havia dito a Kotick.

- Contanto que não se meta em água pantanosa, que dá doença, e não deixe penetrar areia seca numa cortadura, e não se meta no mar quando está bravo, nenhum transtorno pode acontecer.

As foquinhas, como as crianças, têm que aprender a nadar, e só se mostram felizes depois disso. A primeira vez que Kotick desceu ao mar uma onda o levou, que o fez perder pé; sua cabeça desproporcionada ao corpo afundou e as pequenas natatórias traseiras agitaram-se no ar; o que lhe valeu foi que a onda imediata o arremessou à praia - do contrário ter-se-ia afogado. Depois disto aprendeu a ficar nas depressões para ser recoberto e erguido pelas ondas que sobrevinham; Kotick movia então as natatórias, mas sempre atento à vinda de alguma vaga maior que lhe pudesse fazer mal. Duas semanas levou para aprender o manejo das natatórias, e durante todo esse tempo arrastou-se da praia ao mar e do mar à praia, tossindo, espirrando, ganhando a costa do rojo, dormindo qual um gato na areia e voltando de novo à água, isso até que se sentisse com pleno domínio sobre o elemento.

Fácil imaginar a festa que foi sua vida daí por diante. Juntamente com inúmeras companheirinhas dava mergulhos para dentro das vagas, erguia-se-lhes sobre a crista e voltava à terra, espirrando e bufando, enquanto a onda se desdobrava espumante até morrer longe. Gozava o prazer de pôr-se a prumo sobre a cauda e coçar a cabeça como

fazem as focas velhas, ou então de brincar o «Sou o rei do castelo» sobre as rochas escorregadias que só a espuma das ondas alcançam. Às vezes Kotick via uma ponta de cauda, como a dum grande tubarão, a singrar pela superfície líquida, bem rente aos «castelos» - e como sabia tratar-se da baleia Grampus, que come as focas novinhas quando as apanha de jeito, Kotick lançava-se à praia com a maior rapidez, até alcançar ponto seguro - e de lá via a ponta de cauda afastar-se lentamente, como se não estivesse procurando coisa nenhuma.

Em fins de outubro começaram as focas a partir rumo ao mar alto. Iam aos lotes, por famílias ou tribos; cessaram as batalhas em redor dos ninhos, e as *holluschickies* já podiam brincar livremente onde lhes agradava.

- Daqui a um ano, disse Matkah a Kotick, serás uma *holluschickie*; mas por agora trata de aprender como se apanha o peixe.

Puseram-se as duas a caminho, através do Pacífico, Matkah mostrando ao filhote como se pode dormir de costas, com as natatórias distendidas dum certo modo e as narinas fora d'água. Não existe berço mais embalador do que a ondulação do Pacífico. Quando Kotick sentiu pela primeira vez um picotamento sobre toda a superfície do corpo, Matkah explicou-lhe que era o «toque da água», anunciador de mau tempo a sobreviver próximo, e que era necessário nadar de rijo para a frente, em fuga.

- Mais tarde saberás por ti próprio para onde deves nadar. Por agora trata de seguir Sea Pig, que é muito avisado e experiente.

Um cardume de delfins rebojava na superfície líquida; o pequeno Kotick o seguiu a toda a velocidade.

- Como sabes para onde deves ir? perguntou ele a um delfim.

O chefe do cardume revirou o olho branco e mergulhou, dizendo:

- Minha cauda me avisa, menino. Diz-me quando vem algo atrás de nós. Toca a nadar!

Quando estamos a sul da Água Grossa (queria referir-se ao Equador) e sentimos um estiramento na cauda, quer isso dizer que há borrasca pela frente e que é preciso rumar para o norte. Toca a nadar! A água nada me diz de bom por aqui.

Foi essa uma das muitas coisas que Kotick aprendeu - e ainda aprenderia muitas. Matkah ensinou-lhe a seguir o bacalhau e o atum por sobre os bancos submarinos; a fazer saírem os peixes de rochedo de dentro de suas luras, escondidas no entremeio das plantas marinhas; a seguir cem braços abaixo um destroço boiante, e a penetrar, qual bala, por uma abertura, para sair do outro lado na cola do peixe; a dançar sobre a crista das ondas enquanto os relâmpagos riscavam o céu; a sondar polidamente a fragata e o albatroz de cauda reversa, quando descem num boleio sobre o mar; a saltar três, quatro pés fora d'água, qual o delfim, com as natatórias ajustadas aos flancos e a cauda recurva; a deixar o peixe-voador em paz, visto ser todo espinhos; a abocar um bacalhau em movimento dum distância de dez braços; a nunca se deter a observar navios e muito menos botes pequeninos. Ao cabo de seis meses, o que Kotick ignorava com relação à pesca em águas profundas era coisa que não valia a pena saber - e durante todo esse tempo não teve contato com a terra firme uma só vez sequer.

Certo dia, entretanto, ao flutuar semi-adormecida na água tépida ao largo da ilha de João Fernandes, sentiu-se invadida de estranho mal-estar, ou preguiça, exatamente como sucede aos humanos pela entrada da primavera, e Kotick lembrou-se da boa areia firme das praias de Novastoshnah, a duas mil léguas dali; recordou-se das companheiras, do cheiro da maresia, do grito das focas em luta. Imediatamente fez-se de rumo ao norte e entrou a nadar firme. Breve encontrou-se com dezenas de outras, todas com o mesmo destino, as quais lhe disseram:

- Salve Kotick! já somos todas nós *Holluschickies* e poderemos dançar a dança do fogo nos arrecifes de Lukannon, e brincar na erva rebrotada. Mas... onde arranjaste esse vestuário?

A pelagem de Kotick tinha a brancura imaculada da neve; e embora ele sentisse muito orgulho disso, respondeu apenas:

- Toca a nadar! Depressa! Tenho cãibras nos ossos, tanta é a minha ânsia de rever terra.

Quando chegaram à costa onde haviam nascido, as jovens focas perceberam de longe o rumor das velhas, atracadas em lutas, dentro do nevoeiro. Naquela mesma noite Kotick dançou a «dança do fogo» em companhia das demais. Desde Lukannon até Novastoshnah o mar se mostra cheio de fogos durante a noite de estio, e cada foca deixa atrás de si um rastro luminoso, ou uma chama brusca, quando salta - e as vagas se quebram em grandes lezardas e turbilhões fosforescentes. Depois, dirigiram-se todas para o interior até alcançar a zona das solteiras, e lá rebolaram felizes sobre as ervas rebrotas, contando entre si histórias do que lhes sucedeu durante aquele primeiro ano de mar alto. Falavam do Pacífico ao jeito de meninos de escola que falam da floresta aonde vão à cata de amoras, e se alguém as pudesse compreender teria meios de traçar desse oceano uma carta como jamais se fez nenhuma. As focas solteiras, de três e quatro anos, degingolaram pelo morro de Hutchinson abaixo, gritando:

- Abram alas, meninas! O mar é profundo e vós pouco sabeis da muita coisa que há dentro. Esperai para depois de dobrado o Cabo... Olá, pequena, onde arranjaste semelhante vestuário?

- Não arranjei, respondeu Kotick, nasceu em mim por si mesmo.

Nesse momento dois homens de cabelos negros e caras chatas saíram de trás das dunas, fazendo que Kotick, que jamais vira tão estranhos animais, baixasse a cabeça e tossisse. As *holluschickies* afastaram-se pesadamente de alguns metros e depois se imobilizaram, a olhar estúpidamente para os intrusos. Eram esses homens Kerick Booterin, chefe dos caçadores – de focas da ilha, e Patalamon, seu filho. Vinham duma pequena aldeia situada a menos de milha dali, e estavam em atitude de decidir quantas focas tangeriam para o matadouro, porque as focas são tratadas como carneiros por esses comerciantes de peles.

- Oh, disse Patalamon. Olha lá uma branca!

Kerick Booterin chegou a empalidecer sob a sua máscara de óleo e fuligem. Era um aleuta e os aleutas não cuidam do corpo. Em seguida pôs-se a murmurar uma reza.

- Não lhe toques, Patalamon. Nunca vi foca branca em toda a minha vida. Talvez seja o espírito do velho Zahrrof, que pereceu o ano passado numa borrasca.

- Passarei de largo, que isso traz desgraça na certa. Julgas realmente que é o espírito do velho Zahrrof? Eu lhe fiquei a dever algum dinheiro, duns ovos de pingüim,...

- Não desse lado, aconselhou Kerick. Tange lá aquele lote de quatro anos. Os homens do matadouro deviam escorchar duzentas hoje, pois que é começo de estação; mas cem bastam. Depressa!

Patalamon fez soar um par de castanholas, feitas de clavículas de foca, diante dum bando de *hollaschickies*, as quais imediatamente se detiveram, ofegantes. Em seguida aproximou-se. As focas puseram-se em movimento e Kerick as tangeu para o interior sem que nem uma só procurasse fugir. Centenas e centenas assistiram àquêl apartamento das companheiras, mas continuaram a brincar como se nada houvesse acontecido. Kotick foi o único a indagar do fato, e tudo quanto lhe puderam responder foi que os homens vinham sempre buscar focas daquela maneira, durante dois meses cada ano.

- Vou segui-las, disse êle.

E lá se foi, com os olhos quase a lhe pularem das órbitas, no esforço de seguir o rebanho.

- A foca branca nos está seguindo, gritou Patalamon. É a primeira vez que um desses animais se dirige de si mesmo para o matadouro.

- Não olhes para trás, Patalamon. Mais que nunca estou certo de que é o espírito de Zahrrof... Tenho de ir falar com o padre.

A distância a que ficava o matadouro seria de oitocentos metros, mas tomou uma boa hora para ser coberta, pois Kerick sabia que se as focas caminhassem mais depressa se afoguariam, e ao serem escorchadas a pele vinha má. Isso o forçava à marcha lenta - e lentamente passou pelo *Sea-Lion's Neck* e pela *Webster House*, atingindo por fim o saladeiro situado fora do alcance visual das facas da praia. Kotick o seguia, ofegante e perplexo. Julgava-se no fim do mundo, e a grita dos ninhos lá atrás ressoava alto como barulho de trem que atravessa túnel.

Em certo momento Kerick sentou-se e, tirando do bolso um pesado relógio de estanho, deixou que o rebanho descansasse trinta minutos... e Kotick pôde ouvir a água do nevoeiro escorrer das abas do seu chapéu de couro. Em seguida dez ou doze homens armados de varas de três ou quatro pés de comprimento, ferradas nas duas pontas, aproximaram-se. Kerick apontou algumas das focas do rebanho que haviam sido mordidas pelas companheiras ou que estavam afogeadas; os homens afastaram-nas a pontapés. Depois, Kerick ordenou:

- Vamos!

Os homens puseram-se a massacrar o rebanho o mais depressa que podiam. Dez minutos mais tarde Kotick já não conseguia reconhecer as companheiras, de cujo corpo as peles eram arrancadas dum golpe. Saíam inteirinhas, do focinho à cauda, para serem amontoadas no chão.

Aquilo foi demais para Kotick, o qual virou de rumo e partiu a galope - as focas podem galopar por pouco tempo dirigindo-se para o mar, com os bigodes, ainda em estado de buço, arrepiados de horror. Em *Sea-Lion's Neck*, onde os grandes leões-do-mar se mostram à beira da espuma, Kotick lançou-se, com as nadadeiras acima da cabeça, para dentro da água gelada, onde ficou a balançar-se e suspirar lastimosamente.

- Quem está aí? perguntou um leão-do-mar com rudeza, porque tais criaturas não gostam de companhia.

- *Scoochnie! Ochen Scoochnie!* Estou cá sozinho, respondeu Kotick. Os homens andam a matar todas as *holluschickies* das dunas!. . .

O leão-do-mar volveu os olhos para o lado da terra.

- Absurdo! disse. Tuas companheiras estão a fazer o mesmo rumor de sempre. O que viste foi o velho Kerick arrancando a pele a um lote apenas. Há trinta anos que ele faz isso.

- Mas é horrível! exclamou Kotick, enristando-se n'água para quebrar o ímpeto duma onda, e em seguida equilibrando-se, com um golpe das nadadeiras em forma de pá de hélice, a três centímetros duma ponta de rochedo.

- Não está mal para uma criança de ano, disse o leão-do-mar, que sabia dar valor às proezas de natação. Admito que o que presenciaste seja horrível do teu ponto de vista, menino; mas vós outros, com persistirdes em aparecer cá todos os anos, vós vos denunciais aos homens - e é isso o que acontece. Se não tratardes de descobrir uma ilha ignorada dos homens, eles vos darão cabo da espécie.

- Haverá alguma ilha assim? perguntou Kotick ansioso.

- Tenho, nestes últimos vinte anos, seguido por toda a parte os *poltoos* (meros) e jamais encontrei esse lugar. Mas, ouve... Tu pareces gostar de prosa com os teus superiores, hem?... Por que não vais para a ilha de Walrus, conversar com Sea Vitch? Talvez Sea Vitch saiba dalguma coisa. Mas não te precipites assim. Trata-se duma travessia de seis milhas, e em teu caso eu me punha em seco e preparava-me com uma boa soneca.

Kotick aceitou o conselho e, de volta às suas dunas, pôs-se em seco e dormiu durante meia hora, com frêmitos pelo corpo à maneira de todas as focas. Em seguida rumou para a ilha de Walrus, pequeno platô rochoso ao norte de Novastoshnah, todo estriado de rochedos onde as gaivotas armam ninho. Kotick saiu d'água junto ao velho Sea Vitch, o enorme elefante-marinho, gordo e cheio de dartos, do norte do Pacífico, espessíssimo de pescoço e de compridas presas, unicamente amável quando está dormindo - como acontecia daquela vez.

- Acorda-te! latiu Kotick, com a voz abafada pelo barulho das gaivotas.

- Ah! oh! *Hamp!* Que é que há? rosnou Sea Vitch.

Ao fazer isso esbarrou com as presas no companheiro que tinha ao lado, o qual acordou e por sua vez acordou o vizinho - de modo que instantes depois estava o bando inteiro desperto, correndo os olhos arregalados para todas as direções, exceto para a devida.



- Eh! Sou eu! disse Kotick emergindo da espuma qual pequena lesma branca.
- Olá! exclamou Sea Vitch. Que me escorchem se...

Todos olharam para a foca branca, como num clube de velhos todos se voltam para a criança que entra. Kotick arrepiou-se ao ouvir falar em escorchamento, tanto o presenciara naquele dia, e foi logo entrando no assunto.

- Não haverá um lugar onde as focas possam veraneiar sem que os homens venham persegui-las?
- Procura-o, respondeu Sea Vitch cerrando os olhos. Percorre o mar e não nos incomodes.

Kotick deu o salto de boto no ar e gritou com toda a força:

- Comedor de marisco! Comedor de marisco! Corredor de marisco!

Ele sabia que Sea Vitch jamais se alimentava de peixe e sim de mariscos e algas, embora pretendesse ser um terrível personagem. Muito naturalmente os Chickies, os Gooverooskies e os Epatkas, aves marinhas que procuram sempre oportunidade para a impolidez, retomaram o grito e - como me contou o passarinho Limmershin - durante cinco minutos o barulho foi tal que nem um tiro de espingarda seria ouvido por ali. Toda a tribo piava e gritava:

- Comedor de marisco! *Stareek!* (homem velho) enquanto Sea Vitch bamboleava dum lado e doutro, rosnando e tossindo.
- E agora? Responderás ou não ao que te perguntei? gritou Kotick, todo afrissurado.
- Vai perguntá-lo à vaca-marinha, respondeu Sea Vitch. Se ela ainda vive poderá esclarecer-te.
- Como poderei reconhecê-la quando a vir? indagou Kotick, preparando-se para retomar caminho.

- Muito fácil, respondeu uma gaivota Burgomestre, voltando o bico para Sea Vitch. É o único bicho do mar ainda mais feio que este cá - mais feio e mais mal-educado. *Stareek!*

A foca branca pôs-se a nado para Novastoshnah, deixando atrás as gaivotas em grita. Mas lá não encontrou nenhuma simpatia para com a sua idéia de achar pouso menos mortífero para as focas. Contaram-lhe que os homens sempre fizeram aquilo com as *holluschickies*, e, pois, era uma coisa normal. Quem não quisesse ver a matança, não fosse ao saladeiro. A verdade é que nenhuma daquelas focas jamais havia visto o que Kotick vira, e isso marcava a diferença entre ele e suas companheiras, não se levando também em conta o fato de ser uma foca branca.

- O que tens a fazer, disse-lhe o velho Sea Catch depois que ouviu as aventuras do filho, é crescer, tornares-te uma grande foca ao tipo de teu pai, com um ninho bem escolhido na praia. Daqui a cinco anos poderás lutar.

Até a meiga Matkah, sua mãe, pensava daquele modo.

- Impossível, filho, impedires as matanças. Vai brincar no mar, Kotick - e Kotick foi-se, a dançar a dança do fogo, com o coraçãozinho apertado.

Naquele outono deixou a praia logo que pode e fez-se ao largo, sozinho com uma só idéia na cabeça. Havia de descobrir a vaca-marinha, se é que tal personagem existia, e havia de achar Lima ilha deserta, de boas praias, inacessível aos homens.

Sozinho explorou todo o sul do Pacífico, infatigavelmente, nadando até trezentas milhas num dia e numa noite. Aconteceram-lhe aventuras de toda sorte, impossíveis de serem contadas. Escapou por um triz a um tubarão malhado e a outro de cabeça de martelo; cruzou com todos os salteadores do mar, sem fé nem lei, e com enormes peixes lisos, e com as grandes conchas escarlates que ficam ancoradas no mesmo ponto por centenas de anos, com enorme orgulho disso; mas nada soube da vaca-marinha, nem encontrou ilha deserta que servisse aos seus propósitos. Se a praia era boa e firme, com inclinação suave como as focas a querem, havia sempre no horizonte fumaça dum barco baleeiro ocupado em derreter toucinho – e Kotick sabia muito bem o que aquilo queria dizer. Ou então se certificava de que as focas já haviam visitado esse lugar outrora, tendo sido destruídas por sistemáticas matanças. Kotick sabia que onde os homens põem o pé, aí ficam para sempre.

Em certa altura teve uma conversa com um velho albatroz de cauda reversa, o qual considerava a ilha de Kerguelen um sítio ideal de paz e silêncio. Kotick foi para lá - e por pouco não levou a breca de encontro aos arrecifes negros durante uma terrível tempestade, picada de raios e trovões. Pôde apesar disso verificar que também ali já havia existido um ninho de focas. E o mesmo sucedeu em todos os mais lugares que visitou.

Limmershin enumerou-me uma longa lista, dizendo que Kotick havia passado em pesquistas cinco estações, com apenas um repouso de quatro meses cada ano em Novastoshnah, onde as *holluschickies* caçoavam dele e de sua ilha imaginária. Foi até Galápagos, um horrível deserto que o Equador torra; foi às ilhas Orcadas, à ilha da Esmeralda, à ilha do Pequeno Rouxinol, à ilha de Bouvet e até a uma minúscula ilhota ao sul do cabo da Boa Esperança. Mas por tôda a parte o povo do mar lhe repetia sempre a mesma coisa, isto é, que as focas haviam estado naquelas ilhas, eras atrás, mas que os homens as tinham chacinado a todas. Certo dia, depois de ter nadado centenas de léguas nas águas do Pacífico, chegou a um sítio chamado cabo Corrientes (isso durante



a sua volta da ilha de Gough), onde encontrou sobre os rochedos algumas centenas de focas sarnentas. Também por lá andavam homens, soube-o logo. Isso o desesperou e, dobrando o cabo, fez-se de volta para a praia de Novastoshnah; súbito, em certo ponto, deu com uma ilha coberta de vegetação, na qual encontrou uma foca muito velha, que morria lentamente. Kotick pescou para a moribunda e narrou-lhe todas as decepções.

- E agora, concluiu, vou voltando para Novastoshnah, e se acaso for levado para o matadouro com as demais *holluschickies*, não farei caso.

A foca velha não lhe deu razão.

- Insiste um pouco mais, menino. Sou a derradeira foca da extinta tribo de Masafuera, e recordo-me de que no tempo em que os homens nos andavam matando aos milheiros correu na praia uma lenda a respeito de certa foca branca que um dia, vinda do norte, nos levaria a todas para lugar seguro. Estou velha demais para ver esse dia, mas outras focas o verão. Experimenta um pouco mais,

Kotick retorceu os bigodes, que já os tinha soberbos, e replicou:

- Eu sou a única foca branca que jamais existiu e, além disso, sou a única, branca ou preta, que jamais teve a idéia de procurar ilhas novas.

A informação da foca velha trouxe-lhe coragem, e Kotick voltou para Novastoshnah. Lá chegando, sua mãe lhe suplicou de casar-se e constituir família, visto como ele não era mais um *holluschickie* e sim um *sea-catch* já adulto, de crina branca e frisada a lhe cair sobre as espáduas, e tão rijo, forte e corajoso como o pai.

- Concede-me mais uma estação, pediu Kotick. Lembra-te, mãe, que é sempre a sétima vaga a que avança mais longe sobre as areias.

Por uma curiosa coincidência apareceu uma foca que pensava como Kotick e concordou em adiar seu casamento com ele para o ano seguinte. Na véspera da partida

de Kotick para a última viagem, os dois namorados dançaram a dança do fogo ao longo da praia de Lukannon. Dessa vez dirigiu-se ele para o oeste, na pista dum imenso cardume de peixes, do qual retirava por dia pelo menos cem libras para a sua alimentação. Kotick afastou-se até sentir-se cansado; depois enrodilhou-se e dormiu sobre as vagas que batem de encontro à ilha do Cobre. Conhecia perfeitamente a costa, de modo que à meia-noite, esbarrando numa esteira de sargaços, murmurou, estremunhado:

- Hum! A maré está forte esta noite...

Kotick abriu lentamente os olhos e estirou o corpo. Depois saltou, como um gato, percebendo enormes coisas que punham o focinho fora e pastavam naqueles sargaços.

- Pelos Grandes Rochedos de Magalhães! Exclamou Kotick. Que diabo de bicho poderá ser este?

Eram criaturas que não lembravam nenhuma outra – nem leão-do-mar, nem cavalo-marinho, nem foca, nem baleia, nem tubarão, nem polvo ou concha que Kotick já tivesse visto antes. Mediam de vinte a trinta pés de comprimento, e em vez de natatórias posteriores possuíam uma cauda em forma de pá, como que feita de couro molhado. Tinham as cabeças profundamente cômicas e, quando não pastavam, balouçavam-se nas águas, saudando-se umas às outras e agitando as natatórias dianteiras ao jeito de homem gordo que agita os braços curtos.

- Olá! exclamou Kotick. A quem tenho o prazer de me dirigir?

As informes criaturas responderam com balanço de corpo e agitação de natatórias, como aquele criado Sapo do livro «Alice no País das Maravilhas». Em seguida puseram-se a pastar, e Kotick viu que tinham o beijo de cima rasgado ao meio, podendo abri-lo de modo a caber na fenda um molho de sargaços. Iam metendo na boca aquelas ervas marinhas e mastigando-as solenemente.

- Modo grosseiro de comer, comentou Kotick.

Os animais continuaram a balançar o corpo e isso começou a impacientar o recém-chegado.

- Muito bem, disse por fim Kotick. Se tendes uma articulação a mais nas natatórias dianteiras, isso não é motivo para tanta exibição, já sei que sabem saudar-se umas às outras com muita graça, Digam-me agora como se chamam.

Os bichões de beijo rachado agitaram-se e torceram-se, com os olhos de vidro verde a arredondarem-se, mas nada disseram.

- Está bem, murmurou Kotick. Sois na realidade as criaturas mais feias que existem, piores ainda do que Sea Vitch. . . e mais mal-educadas.

Ao dizer isto, quase caiu de costas, lembrando-se das palavras da gaivota Burgomestre na ilha de Walrus. O acaso o havia posto defronte às vacas-marinhas!

Os mostrengos continuavam a mascar os sargaços sem dar nenhuma resposta às perguntas que Kotick lhes fazia em todas as línguas que aprendera em suas viagens,

porque no mar há quase tantas línguas como entre os humanos. Não respondiam, simplesmente porque não sabiam falar. As vacas-marinhas só têm seis ossos no pescoço, em vez de sete, e é isso – dizem no mar - o que lhes impede a fala; mas como possuem uma articulação extra nas natatórias anteriores, fazem com elas jeitosos movimentos que correspondem a uma espécie de código elementar.

Ao romper da aurora a crina de Kotick estava eriçada e a sua paciência, no fim. As vacas-marinhas, então, puseram-se muito morosas, a nadar de rumo norte, parando amiúde para conciliábulos naquela grotesca linguagem de gestos. Kotick as seguiu, dizendo:

- Gente idiota como esta de há muito que se teria feito chacinar, se não houvesse descoberto alguma ilha segura e o que é seguro para a vaca-marinha o será também para as focas. Vamos ver para onde se dirigem.

Foi uma viagem cansativa para Kotick, As vacas-marinhas não caminhavam mais de quarenta a cinquenta milhas por dia, detendo-se à noite para pastar e rentando a costa todo o tempo, enquanto Kotick lhes nadava em redor, por baixo e por cima, sem que isto lhes fizesse render a marcha. À medida que os mostrengos avançavam para o norte, sempre com paradas para conciliábulos na linguagem dos gestos (o que fazia Kotick roer os bigodes de impaciência), notou ele que entravam numa corrente de água mais aquecida. Oh, as vacas-marinhas sabiam orientar-se, não eram tão estúpidas assim...

À noite deixaram-se levar pela corrente - ou, melhor, deixaram-se rolar como pedras - e logo depois, pela primeira vez desde a partida, deram de nadar depressa. Kotick espantou-se daquilo, porque jamais supôs que vacas-marinhas soubessem nadar. Pois nadaram, e dirigiram-se a um promontório rochoso no qual um túnel se abria a vinte braças de profundidade; por ele se enfiaram, com Kotick na peugada, aflito no negror e extensão daquela passagem.

- Pela minha peruca! exclamou ele ao sair do outro lado, tonto. Não há dúvida que foi um mergulho dos bons – mas valeu a pena.

As vacas-marinhas dispersaram-se e puseram-se a pastar sobre a mais bela praia que Kotick ainda vira. Extensos recifes, polidos pela fricção das águas, estendiam-se por léguas, extraordinariamente adaptados para ninhos de focas; atrás deles, e subindo em inclinação suave, viam-se grandes espaços de areia dura, próprios para «lugar de estar» de focas. E havia ondas bem derramadas, boas para as danças; e ervaçais macios onde rolar; e dunas onde trepar e onde degradingolar. Além disso, era facilmente perceptível - uma foca jamais se engana nesse ponto - que o homem nunca havia posto pé em tais paragens. Kotick tratou de assegurar-se se a zona era rica em peixe; depois nadou ao longo da praia e contou as ilhotas existentes, de boa área, semi-ocultas na movediça bruma. Ao norte estirava-se uma linha de reentrâncias, de recifes e pontas de pedras que não permitiam a aproximação de um barco a seis milhas da praia. Entre as ilhotas e a costa corria um canal de águas profundas, donde emergia a paliçada perpendicular dos rochedos.

- Isto aqui é uma outra Novastoshnah, mas dez vezes melhor, refletiu Kotick. As vacas-marinhas não são tão estúpidas como supus. Ainda que apareçam homens, não conseguirão descer a paliçada, e do lado do mar nenhum navio pode aproximar-se. Se há no oceano um lugar seguro para as focas, é este.

E pôs-se a pensar na foquinha que ficara à sua espera; apesar disso, e da pressa de retornar às praias de Novastoshnah, não esqueceu de explorar minuciosamente aquela zona, a fim de responder a todas as perguntas que lhe fizessem.

Depois mergulhou, a fim de bem localizar a boca do túnel que para ali conduzia, e rumou na direção sul. Ninguém, a não serem as vacas-marinhas e agora ele, suspeitava da existência daquele retiro seguro, e ao fazer-se ao largo chegou até a duvidar se realmente o havia encontrado.

Dez dias gastou na volta, sem perder nenhum tempo pelo caminho; e ao meter-se em terra, perto do Sea-Lion's Neck, a primeira criatura com quem topou foi a namorada. Imediatamente a meiga foquinha compreendeu, pela expressão dos olhos de Kotick, que ele havia encontrado, afinal, a desejada ilha.

As *holluschickies*, entretanto, bem como Sea Catch, seu pai, e todas as outras focas mofaram, quando Kotick narrou o que havia descoberto. Uma jovem foca chegou a dizer:

- Tudo isso está muito bonito, Kotick, mas não basta contares coisas lindas para que nos encaminhe para lá. Recorda que nós aqui vivemos a nos bater para a conquista de bons ninhos, o que ainda não fizeste. Preferes vagabundear pelo oceano a fora.

Todas as focas aprovaram-na com grandes risadas, o que fez a jovem foca balançar a cabeça da direita para a esquerda, envaidecida. Estava casadinha de fresco e muito ancha do seu estado.

- Mas por que haveria eu de lutar, se não tenho ninho a defender? respondeu Kotick. Desejo apenas mostrar-vos um lugar onde a segurança é completa. De que serve batermos-nos?

- Oh, se tu foges a isso, então nada mais tenho a dizer, replicou a recém-casada com um riso de ironia.

Kotick principiou a encolerizar-se.

- Virás comigo para essa praia segura se eu lutar e vencer? perguntou.

- Perfeitamente, respondeu com leviandade a outra. Se lutares e venceres, lá irei.

Mal acabou de pronunciar essas palavras e já se viu por terra, com os dentes de Kotick cravados em seu pescoço gordo; em seguida ele a agarrou pelas ancas e a arrastou pela praia, sacudindo-a violentamente. Depois que a deixou nocaute, rugiu para a assistência:

- Fiz o que pude para o bem de todos, durante as últimas cinco estações. Encontrei finalmente uma ilha de segurança absoluta, mas a não ser que arranque as vossas cabeças do corpo, nenhuma me dará crédito. Pois bem, vou fazê-las mais atentas ao que digo. Lá vai!

O passarinho Limmershin me declarou que apesar de estar afeito a assistir todos os anos às batalhas de mais de dez mil focas adultas, jamais em sua vidinha viu coisa equivalente ao ataque de Kotick contra o povo dos ninhos. Mal acabou de dar o aviso do «Lá vai! », atirou-se contra o maior sea-catch da assistência; agarrou-o pela garganta e castigou-o brutalmente, até ouvi-lo dar berros de misericórdia. Largou-o então e ferrou



outro. O segredo estava em que Kotick, durante toda a sua vida, nunca estivera submetido àquele regime comum de jejuar por quatro meses ao ano; sua vida sempre em mar alto, a comer todos os dias, tinha-o conservado em magníficas condições físicas e, pois, fazia-o superior em força e agilidade a todas as focas da praia. Muito branco, a crina eriçada pela cólera, os olhos flamejantes, os afiados caninos a se mostrarem ameaçadores, oferecia um quadro esplêndido de vida e vigor. O velho Sea Catch, seu pai, o viu passar, qual uma tromba, a arrastar pela areia velhas focas já grisalhas e a arremessar para longe, com trancos, as mais novas. Sea Catch rugiu de entusiasmo.

- É um louco talvez, exclamava, mas que esplêndido lutador! jamais apareceu nestas praias campeão assim. Não ataca a teu pai, meu filho! Lembra-te de que ele é por ti!

A resposta de Kotick foi um urro de desafio, e o velho Sea Catch teve de empenhar-se em luta, bamboleante, a bigodeira eriçada e silvando que nem locomotiva. Enquanto isso, Matkah e a noiva de Kotick tomavam posição para acompanharem o espetáculo e admirarem os respectivos machos. Foi batalha magnífica e tão longa que ao terminar nenhuma outra foca ousava erguer a cabeça. Os lutadores, então, as encararam orgulhosos, mugindo.

À noite, quando os fogos boreais principiaram a cintilar e dançar através da névoa, Kotick escalou um rochedo e correu os olhos pelos ninhos dispersos, onde focas sangrentas ou machucadas gemiam.

- Levastes a lição merecida, urrou lá de cima.

- Pela minha peruca! exclamou o velho Sea Catch, erguendo o corpanzil terrivelmente dolorido. A Orca que mata baleias não nos teria tratado melhor... Sinto-me orgulhoso de ti, meu filho... e quero ir para tua ilha., se é que realmente a descobriste.

- Escutai, porcos do oceano! gritou Kotick. Quereis ou não acompanhar-me à praia das vacas-marinhas? Respondei; do contrário, recomeço a lição.

Um murmúrio cresceu por toda a extensão dos ninhos.

- Iremos, iremos todos! gritavam milhares de vozes cansadas. Nós todos te seguiremos, Kotick!

Kotick, então, enterrou a cabeça nos ombros e cerrou os olhos, cheio de orgulho. Não estava branco naquele momento, mas vermelho, todo lavado em sangue. Apesar disso, nem sequer olhava para uma só das suas feridas.

Uma semana mais tarde cêrca de um milheiro de *holluschickies* e focas velhas partiram para o norte de rumo ao túnel das vacas-marinhas. Kotick seguia cheio de orgulho na frente, considerado como louco pelas que haviam ficado em Novastoshnah. Mas na primavera seguinte, quando regressaram daquela excursão, tais coisas disseram as focas das praias encontradas para lá do túnel das vacas-marinhas, que milhares e milhares de outras emigraram. Não todas de uma vez, porque não são criaturas das mais espertas e levam tempo para se decidir; a emigração, porém, foi-se repetindo cada ano, sempre em número crescente, de modo que, não só de Novastoshnah e de Lukannon mais ainda de outros ninhos, quase todas as focas se foram para lá onde Kotick reinava durante cada estio, forte e respeitado, dentro da legião das *hulluschickies*, agora perfeitamente em seguro naquela parte do mundo livre de homens.

Lukannon

Encontrei meus irmãos ao despontar do dia
(Que velho neste instante inicial me sentia!)
Lá onde, dos recifes e a encher a amplidão
Subia um estridor das vagas do verão.
O seu apagava o clamor que provinha

Da rocha marinha. . .
E a praia de Lukannon naquela hora,
Por dois milhões de gritos ruidosa Clangora.

Cantai a estação a borda das lagunas
Os esquadrões arfantes que descem das dunas...
cantai a dança singular, a meia-noite,
vergastada das flamas que provem do mar -
Praias de Lukannon, antes que os marinheiros
Possam chegar.

Encontrei meus irmãos de madrugada e eu sei
Que não mais, nunca mais eu os encontrarei:
A praia escurecendo, vinham em legiões,
E com a voz a inundar aquelas solidões

A tribo que passou ali nos invocamos.

E a sua terra nós cantamos.

Praias de Lukannon, as aveias crescidas -
Os líquens enrugados e as brumas que eu vi,
Praias de Lukannon, jardins onde brincamos,
Praias de Lukannon onde nasci.

Encontrei meus irmãos de manhã. Tinham mágoa -
Na terra o homem nos mate ou nos fuzile na água.

À salina nos leve assim como carneiros!
Cantemos antes que venham os marinheiros.

Ao Sul! Ao Sul! Ao Sul! Oh! gooveroosk, anda!
Fala ao Rei deste Mar da nossa dor nefanda!
como um ovo de tubarão, que quando finda,
vem,ter ao litoral, é vazio, vazio
De Lukannon a praia. E nos conhece ainda.





OS CÃES VERMELHOS

Por nossas noites puras e fagueiras,
Pelas noites das rápidas carreiras,
Pelos sorrisos das madrugadas,
Pelos adeuses das orvalhadas,
Pelo galope entre os nevoeiros,
Pela prêsca escondida
Em sua guarida,
Pelo clamor dos companheiros,
Quando o Sambhur volteia. Pela bacanal,
Pelo sono nos fojos lutaremos afinal.

Depois que a Jângal invadiu e apagou a aldeia é que a melhor parte da vida de Mowgli começou. Andava com a consciência leve dos que vivem com tôdas as contas justas, além de que tôda a Jângal o adorava, embora com uma ponta de medo. O que ele viu ou fêz enquanto andou de um povo para outro, só ou com os seus habituais companheiros, daria margem para muitas histórias longas como esta. Não sabereis, portanto, como encontrou o Elefante Louco de Mandla, o qual matara vinte e dois bois que puxavam onze carros de prata do governo, derramando tôdas aquelas rupias no pó da estrada; nem como lutou com Jacala, o Crocodilo, durante uma noite inteira nos pantanais

do Norte, quebrando a sua faca nas escamas do bruto; nem como encontrou outra faca maior no cadáver dum homem, morto por feroz javardo, o qual javardo Mowgli perseguiu e matou para justificar a posse da faca; nem como foi apanhado, durante a Grande Fome, por um rebanho de gamos em retirada, que quase o mataram a casco; nem como salvou Hathi, o Silencioso, de cair num mundéu em cujo fundo havia uma terrível estaca de empalar; nem como, no dia seguinte, caiu ele próprio numa engenhosa armadilha para leopardos, donde Hathi o tirou depois de remover todos os troncos amontoados em cima; nem como tirava leite às búfalas nos pantanais; nem como. . .

Mas temos que contar uma história de cada vez. Pai Lobo e Mãe Loba haviam morrido e Mowgli rolara para a boca da caverna um grande bloco de pedra, depois de entoar diante dos dois cadáveres o Canto da Morte. Baloo envelhecera bastante, e até Bagheera, cujos nervos eram de aço e os músculos de ferro, não passava de sombra do que fora. Akela mudara de gris para quase totalmente branco, devido à idade: suas costelas desenhavam-se-lhe em relêvo na pele e quando andava parecia feito de pau. Mowglí caçava para êle. Mas os jovens lobos, os filhos da desmantelada Alcatéia de Seeonee, esses prosperavam, muito aumentados. Quando atingiram o número de quarenta - fortes, senhores de si, voz cheia, pés agílimos de lobos de cinco anos - Akela disse-lhes que deviam juntar-se em alcatéia unida e seguir a Lei sob o comando dum chefe, como de praxe na história do Povo Livre.

Isso não era caso em que Mowgli devesse intervir, porque, como ele mesmo costumava observar, já comera frutos azedos e conhecia as árvores donde pendem; mas, quando Fao, filho de Faona, lutou pela chefia da Alcatéia de acôrdo com a Lei da Jângal, e uma vez mais os velhos cantos de convocação começaram a soar sob as estrelas, Mowgli compareceu à Roca do Conselho movido apenas de saudades. E todas as vezes em que lá falou foi ouvido em completo silêncio. Corriam bons os dias, para a caçada e para o sono. Nenhum intruso ousava penetrar na floresta ocupada pelo «Povo de Mowgli», que era como diziam da Alcatéia, e os lobos prosperavam, nédios e fortes, sempre com abundantes lobinhos trazidos à cerimônia do «Olhai-o, ó Lobos!» Mowgli não as perdia, para relembrar a noite em que a Pantera Negra o comprou, criança nuzinha, pelo preço dum touro gordo. O merencório apelo - «Olhai, olhai bem, ó Lobos!» punha-lhe o coração a palpitar. Não fosse isso e ter-se-ia alongado na Jângal, com os quatro companheiros, para provar, tocar, ver e sentir coisas novas.

Certa tarde em que vinha trotando preguiçosamente através das montanhas para trazer a Akela a metade do gamo que havia caçado, enquanto atrás os quatro lobos pulavam e brincavam na louca alegria de viver, Mowgli ouviu um grito que não ouvia desde os maus tempos de Shere Khan. Era o que a Jângal chama o «pheel» - hedionda espécie de uivo que o chagal desfere quando está caçando na frente do tigre, ou quando topa perigo de vulto. Se podeis imaginar um misto de ódio e triunfo, medo e desespero, com um olhar de malícia malvada de través, tereis vaga noção do «pheel» que se ergueu na selva, ondulou, ecoou e vibrou ao cruzar o Waingunga. Os quatro lobos detiveram-se imediatamente, rosnando, arrepiados. A mão de Mowgli crispou-se no cabo da faca; seu corpo imobilizou-se; o sangue afluíu-lhe ao rosto e as sobrancelhas carregaram-se.

- Não sei de nenhum Listrado que ouse caçar por aqui, disse ele.

- Nem é grito de chagal mensageiro de tigre, observou o Irmão Gris. Perigo de vulto, sim. Escuta!

O «pheel» ressoou de novo, meio soluçado, meio gargalhado, como se o chagal

tivesse garganta humana. Mowgli então tomou longo fôlego e correu para a Roca do Conselho, ganhando avanço, no caminho, sobre os lobos da Alcatéia que para lá se dirigiam. Fao e Akela já estavam na Roca, um ao lado do outro, e abaixo deles, com os nervos eletrizados, muitos mais. As mães escondiam os filhotes nas cavernas, porque quando o «pheel» soa não é tempo de ficarem os fracos expostos.

Nada se ouvia senão o mugir nas trevas do Waingunga e o rumor leve dos ventos noturnos na fronde das árvores. Súbito, além do rio, um lobo uivou. Não era lobo da Alcatéia de Seeonee, pois que esses já se achavam todos na Roca. Uivou um uivo que logo descaiu para desesperado ganir, «Dhole!» gemia ele. «Dhole! dhole! dhole!» Minutos depois ouviu-se o rumor de cansados pés que vinham tropeçando pelas trilhas, e por fim, um lobo magro, listrado de vermelho nos flancos, mão direita ferida, boca espumejante, lançou-se entre eles, a ofegar, e lambeu os pés de Mowgli.

- Boa caçada! saudou gravemente Fao. A que grupo pertences?

- Boa caçada! respondeu o estranho. Won-tolla me chamo, declarou a seguir, querendo dizer que era um lobo solitário, dos que lutam só para si, para a companheira e para os filhotes ocultos nalguma caverna perdida, como há muitos no sul. Won-tolla significa Arredio - um que vive fora de qualquer bando. O recém-chegado ofegava, exausto.

- Que é que perturba a Jângal? perguntou Fao, repetindo a pergunta que toda a Jângal faz quando o «pheel» soa.

- O dhole, o dhole do Dekkan - Cão Vermelho, o Matador! Vem do norte para o sul dizendo que o Dekkan está vazio - e vem matando pelo caminho. Quando esta lua começou, éramos cinco - minha companheira, eu e três filhotes. Minha companheira saíra a ensinar aos filhotes como se caça na planície. À meia-noite ouvi-os juntos, seguros na pista dum gamo. Pela madrugada encontrei-os rígidos na macega - aos quatro, quatro filhos do Povo Livre! Procurei então o matador. Encontrei o dhole.

- Quantos? perguntou Mowgli, com a voz a destacar-se viva do lúgubre uivar da Alcatéia.

- Não sei. Três, nunca mais matarão; os outros fizeram-me fugir qual gamo, sobre três patas. Vêde, Povo Livre! e o lobo arredia mostrou a pata pendente, empapada de sangue em coágulos. Pelo seu corpo viam-se as marcas de cruéis mordidas, sobretudo no pescoço.

- Vem comer, disse Akela, erguendo-se de cima da carne que Mowgli lhe havia trazido.

- Não será bondade inútil, respondeu o lobo com humildade, depois que satisfez o grosso da fome. Restaura-me as forças, Povo Livre, que eu também ajudarei a matar. Minha caverna está vazia - e estava cheia quando esta lua começou. A Dívida de Sangue não foi toda paga ainda.

Fao ouviu os dentes do recém-chegado estalarem num osso do gamo e rosnou aprovativamente:

- Vamos precisar dessas maxilas. Observou filhotes entre os dholes?

- Nem um. Caçadores ruivos todos; cães adultos, pesados e fortes em consequência dos muitos lagartos comidos no Dekkan.

O que Won-tolla tinha dito significava que o dhole, o cão vermelho do Dekkan, vinha em incursão de matança - e todos sabiam que até o tigre abandona a presa ao dhole. Varam eles em linha reta a Jângal e estraçalham a quanto encontram. Embora não sejam grandes, nem tão hábeis como os lobos, são fortíssimos e muito numerosos. O dhole não se considera em bando senão depois de atingida a conta de um cento, ao passo que os lobos formam comumente uma alcatéia com quarenta. As incursões de Mowgli já o haviam levado às baixadas do Dekkan, onde vira os destemerosos dholes dormindo, brincando ou coçando-se uns aos outros, nas moitas que usam como antros. Desprezava-os e odiava-os, porque não tinham o cheiro peculiar do Povo Livre, porque não viviam em cavernas, e, acima de tudo, porque tinham pêlos entre os dedos ao passo que ele e seus companheiros lobos eram de pés pelados. Mas sabia por informação de Hathi que terrível coisa eram os dholes na caça. O próprio Hathi se afastava para lhes dar caminho. Até que sejam todos mortos, ou que a caça desapareça da zona, os dholes seguem sempre para diante.

Akela também sabia algo a respeito, pois disse calmamente a Mowgli:

- É preferível morrermos unidos em bando, a morrermos sem chefe, um por um. Isto vai ser boa caçada - e minha última caçada... Mas, se sobrevives, Irmãozinho, terás ainda muitas noites e dias. Segue para o norte, fica lá. Se algum de nós sobreviver, por ele conhecerás a história desta luta.

- Sim? murmurou Mowgli com aspecto grave. Achas que devo ir para os pantanais, viver de peixes e dormir em árvores, ou pedir abrigos aos «Bandar-log» e ficar quebrando nozes, enquanto a Alcatéia se bate?

- Vai ser luta de morte, disse Akela. Tu nunca enfrentaste o dhole - o Matador Vermelho. O próprio Listrado recua...

- Aowa! Aowa! exclamou Mowgli levemente. Já matei um listrado, e estou certo de que Shere Khan teria abandonado sua própria companheira para pasto dos dholes, se tivesse percebido um bando deles três montanhas lá longe. Ouvi agora. Houve um lobo meu pai, e uma loba minha mãe - e um velho lobo gris (está ele agora branco de velhice) que foi a um tempo meu pai e minha mãe. Por isso digo - e ergueu a voz - digo que quando os dholes vierem, se vierem, Mowgli e o Povo Livre serão uma só carne numa só pele - para a peleja; e digo, pelo Touro que me comprou - pelo Touro que Bagheera pagou por mim nos velhos dias que vós, lobos novos, não alcançastes - digo aos berros para que as Árvores e o Rio possam ouvir minha palavra e servirem de testemunhas; digo que esta minha faca será um dente da Alcatéia - e não será um dente embotado!... Esta é a Palavra que sai de dentro de mim.

- Tu não conheces o dhole, homem com língua de lobo! interveio Won-tolla. Eu procuro apenas ajustar com eles minha Dívida de Sangue antes que me façam em postas. Os dholes aproximam-se lentamente, matando pelo caminho, mas em dois dias um pouco de força voltará aos meus músculos e retomarei a liquidação de contas. Vós, porém, Povo Livre, meu parecer é que vades para o norte por uns tempos, enquanto os dholes permanecerem aqui. Não há carne nesta caçada.

- Ouvi o Arredio! gritou Mowgli numa risada. Povo Livre, devemos ir para o norte comer lagartixas e ratos para evitar a chança de enfrentar os dholes! Eles que cacem em nossos campos de caça enquanto permanecemos escondidos no norte, e que seja assim até que hajam por bem abandonar a zona! O dhole é cão, cão ruivo de barriga amarela, sem antros, como nós, com pêlos nos pés. Tiram seus filhos aos seis de cada ninhada, como se fossem Chicai, o pequeno rato saltador. Está claro que devemos fugir, Povo Livre, e ainda pedir licença aos povos do norte para apanhar-lhes os restos de comida! Conhecemos o dito: «O norte é vérmina; o sul é piolho. A Jângal somos nós». Escolhei, escolhei. É boa caçada! Pela Alcatéia, pelo antro e pelo ninho, pela companheira que arrasta a corça e pelos pequenos filhotes que brincam dentro da caverna, resolvei!

A Alcatéia respondeu num uivo uníssono, que soou na noite como grande árvore que cai:

- Está resolvido. Resistiremos!
- Ficai com eles, disse Mowgli aos seus quatro companheiros. Necessitamos aqui todos os dentes. Fao e Akela prepararão a batalha. Eu vou contar o número dos cães.
- Morte! É morte! uivou Won-tolla semi-erguendo-se. Que pode essa criatura pelada fazer contra os Cães Vermelhos? O próprio tigre, lembrai-vos...

Mowgli o interrompeu de longe:

- Tu és realmente um Arredio. Mas conversaremos depois que os dholes estiverem mortos. Boa caçada para todos!

Mowgli correu nas trevas, excitado, sem dar tento ao chão onde punha os pés - e a conseqüência foi cair ao comprido sobre as roscas de Kaa, àquela hora de tocaia aos veados perto do rio.

- Kssha - silvou a serpente em cólera, É coisa da Jângal andar correndo e perturbando as caçadas noturnas - quando a caça se aproxima?

- Foi minha a culpa, confessou Mowgli voltando a si. Realmente estava à tua procura, Kaa, e sempre que te encontro vejo-te mais comprida e mais grossa. Não há na Jângal ninguém como tu - prudente, forte, bela...

- Para onde conduz esta pista? perguntou Kaa, amável. Não faz uma lua que um homenzinho de faca na mão me lançou pedras à cabeça e chamou-me feios nomes porque dormi ao relento, . .

- ...e porque, concluiu Mowgli sentando-se sobre ela, espantava os veados que o homenzinho estava correndo e, sendo surda como é, não lhe ouvia os gritos para que saísse do caminho.

- Agora, prosseguiu a serpente, esse mesmo homenzinho vem à insultada com palavras macias, chamando-lhe prudente, forte e bela. E a mesma Cabeça Chata em tudo acredita e o acolhe assim... Estás a cômodo agora, Irmãozinho? Poderia Bagheera dar-te tão bom assento?

Como de costume, Kaa tinha-se ajeitado em rede sob o peso de Mowgli, com a cabeça repousada em seu ombro. O rapaz contou-lhe o que havia sucedido.

- Prudente posso ser, disse Kaa no fim, mas surda certo que sou. Do contrário teria ouvido o «pheeal». Não me admira agora que os comedores de ervas estejam tão inquietos. Quantos são os dholes?

- Não sei, não os vi ainda. Vim voando para ti. Tu és mais velha do que o Silencioso. Mas, ó Kaa - e aqui Mowgli esperneou de alegria - vai ser muito boa a caçada! Poucos dentre nós verão outra lua.

- Pretendes lutar? Lembra-te de que és um homem e que a Alcatéia já te expulsou. Deixa os lobos às voltas com os cães. Tu és homem.

- As castanhas do ano passado são este ano pó negro, respondeu Mowgli. É verdade que sou homem, mas esta noite acabo de afirmar que sou lobo. Apelei para as Árvores e para o Rio como testemunhas. Lobo sou, pertencerei ao Povo Livre até que os dholes se tenham ido.

- Povo Livre! silvou Kaa. Ladrões livres, sim! E tu te amarraste a eles, num nó de morte, por amor de dois lobos defuntos? Isso não é boa caçada, Irmãozinho.

- Dei minha Palavra. As Árvores o sabem e o Rio também. Enquanto os dholes estiverem aqui, não trocarei de idéia.

- Ngssb.' Tudo muda agora. Julguei meu dever levar-te para os pantanais do norte, mas a Palavra Dada - ainda que palavra dum homem pelado - é a Palavra Dada. Assim sendo, eu, Kaa, digo...

- Pensa certo, Cabeça Chata, para que te não ligués num nó de morte também, Não necessito de tua palavra, pois bem te conheço.

- Assim seja, disse Kaa. Não darei minha Palavra. Mas que pensas fazer quando os dholes vierem?

- Eles devem atravessar a nado o Waingunga. Pensei em esperá-los no raso com a minha faca e com a Alcatéia atrás de mim; desse modo, esfaqueando e estraçalhando, poderemos lançá-los rio abaixo - ou esfriar suas gargantas.

- Os dholes não descerão rio abaixo, nem deixarão que lhes resfriem as gargantas, respondeu Kaa, Não haverá mais nem Homenzinho, nem filhote de lobo, quando a caçada chegar ao fim, Apenas haverá ossos.

- Alala! Se morrermos, morremos, Será a maior das caçadas! Mas meu estômago é jovem e não tenho visto muitas chuvas. Não sou prudente, nem forte. Tens melhor plano, Kaa?

- Eu tenho visto uma centena de chuvas. Antes que em Hathi nascessem os marfins de leite, já meu rasto deixava marca de vulto na areia. Pelo primeiro Ovo! sou mais velha que muitas árvores e conheço toda a vida da Jângal.

- Mas «isto» é caçada nova, disse Mowgli. Nunca antes cruzaram os dholes o nosso caminho.

- O que acontece, já aconteceu. O ano que vai ser não passa de repetição dum ano esquecido lá muito longe. Guarda silêncio, enquanto conto minha vida.

Por toda uma hora ficou Mowgli deitado nas roscas de Kaa, que, com a cabeça imóvel no chão, recordava tudo quanto vira, ou soubera, desde o tempo em que deixou o ovo. A luz parecia fugir dos seus olhos, deixando-os qual opala morta, e de quando em quando Kaa agitava em rápidos movimentos de cabeça para a esquerda ou para a direita, como se estivesse caçando no sono. Mowgli cochilava calmamente, porque sabia que nada há como o descanso do sono antes da luta e estava treinado em dormir a qualquer hora do dia ou da noite.

Súbito, sentiu o corpo de Kaa engrossar debaixo de si; a serpente inchava, silvando com o ruído da espada que sai da bainha. Houve um demorado silêncio.

- Recordei todas as passadas estações, disse ela, e as grandes árvores, e os velhos elefantes, e as rochas que eram nuas e de arestas agudas antes que os musgos as embotassem. Estás «tu» ainda vivo, Irmãozinho?

- Há pouco que a lua se deitou, respondeu Mowgli. Não compreendo. . .

- Hssb! Sou de novo Kaa. Verifiquei-o há pouco. Vamos agora ao rio e te mostrarei o que há a fazer contra os dholes.

A serpente dirigiu-se em linha reta para a corrente principal do Waingunga, na qual mergulhou pouco acima do poço que escondia a Roca da Paz, Mowgli seguia-a.

- Não nades, disse ela. Monta em meu dorso, Irmãozinho.

Mowgli passou o braço esquerdo em torno ao pescoço de Kaa, estirou o direito ao longo do corpo e, de pernas unidas, deixou-se levar. A serpente enfrentou a correnteza como só ela o sabia fazer; o crespado da água cortada vinha franjar o pescoço de Mowgli, cujos pés subiam e desciam no remoinho formado atrás. Milha ou duas acima da Roca da Paz, o Waingunga estrangula-se numa garganta de rochas calcárias, de oitenta a cem pés de alto; a água corre como em bica de moinho por entre e por sobre toda a sorte de pedras, Mowgli não se perturbou com aquilo; nenhuma água do mundo lhe causaria um momento de pavor. Ia olhando para as paredes da garganta da rocha e farejava o ar com cara de desagrado: havia nele um bafio adocicado e azedo, como de grande formigueiro em dia quente. Instintivamente abaixou-se n'água, apenas erguendo a cabeça a espaços, para respirar, até que Kaa ancorou, com volta dupla da cauda, em torno duma pedra do fundo, Mowgli viu-se mantido a prumo dentro dum anel vivo enquanto a torrente perpassava.

- A Morada da Morte! exclamou o rapaz, Por que vimos ter aqui?

- «Elas» dormem, respondeu Kaa, Hathi não se desvia do caminho do tigre, Hathi e o tigre, entretanto, desviam-se do caminho dos dholes, os quais não se desviam de caminho nenhum. E de quem se desvia o Povo Miúdo das Rochas? Dize-me agora, ó Senhor da Jângal, quem é realmente o mais forte?

- «Elas», sussurrou Mowgli. Aqui é a Morada da Morte. Vamo-nos,

- Espera e olha bem. «Elas» estão dormindo, Tal qual no tempo em que meu corpo não era maior que o teu braço.

O destroço das rochas naquela garganta do Waingunga havia sido, desde os começos da Jângal, usado pelo Povo Miúdo das Rochas - as ferozes abelhas negras da Índia e, como Mowgli muito bem sabia, todos os caminhos se desviavam daquele ponto em meia légua de raio. Por séculos o Povo Miúdo vinha-se acolmeando de fenda em fenda, e desdobrando-se em novos enxames; por isso todo o calcário se manchava de cera negra e mel azedo, e grandes colméias vibravam no fundo escuro das covancas, onde nem homem, nem animal, nem fogo, nem água, jamais as alcançaram. Em toda a extensão da garganta, de ambos os lados, a pedra se recobria de negra cortina de veludo, que fez Mowgli esconder-se dentro d'água: eram milhões de abelhas adormecidas. Havia também ressaltos e festões, como velhos troncos petrificados, que não passavam de colméias abandonadas ou colméias novas, construídas à sombra da quieta garganta, e ainda grandes massas de tranqueira apodrecida, que rolara do alto e ficara pendente das saliências da pedra. Mowgli ouvia às vezes o ruído duma colméia a desprender-se do apoio e rolar, prene de mel, para o fundo do abismo; nuvem de coléricas asas em alvoroço completava a cena, bem como o pingar de fios ou gotas de mel pelas irregularidades das paredes. Havia uma pequena praia, numa das margens do rio, logo adiante, onde se amontoavam detritos de incontáveis anos - abelhas mortas, zangãos, larvas, favos azedos, cera alterada e asas de insetos pilharengos que, atraídos pelo mel, ali ficaram. O simples cheiro desses detritos era o bastante para amedrontar qualquer ser não alado que conhecesse a ferocidade do Povo Miúdo.

Kaa moveu-se rio acima até alcançar certa barra de areia, num dos extremos da garganta.

- Eis a matança da estação, Olha!

Viam-se na areia os esqueletos dum casal de veados e dum búfalo. Mowgli notou que nenhum lobo ou chacal havia tocado naqueles ossos.

- Vieram fugidos dos dholes. Não conheciam a Lei - e o Povo Miúdo os matou, disse Mowgli. Saiamos daqui antes que elas despertem.

- Só despertarão pela madrugada, observou Kaa. Escuta. Muitas chuvas atrás um gamo perseguido por alcatéia veio do sul para aqui sem conhecer a Jângal. Cego pelo terror, atirou-se ao rio da beira da garganta. A alcatéia entreparou no alto; uns lançaram-se n'água atrás dele, morrendo afogados. Os que não saltaram também morreram lá em cima, porque as abelhas estavam coléricas. Só o gamo se salvou.

- Como?

- Porque chegou primeiro e saltou antes que o Povo Miúdo o percebesse, Já estava no rio quando as abelhas revoaram para o assalto. A alcatéia, que vinha atrás, teve de suportar em cheio o ataque - e sucumbiu.

- Salvou-se o gamo realmente? perguntou Mowgli.

- Pelo menos não morreu nessa ocasião, embora ninguém o esperasse do outro lado, com um forte abraço que o recolhesse d'água, como certa Cabeça Chata, velha e gorda, esperaria um Homenzinho - sim, ainda que todos os dholes do Dekkan estivessem no seu encaço. Que pensas disto? Concluiu Kaa, com a cabeça rente ao ouvido de Mowgli.

A resposta demorou um pouco.

- Isso vale tanto como puxar os próprios bigodes da Morte, mas, realmente, Kaa, tu és a primeira cabeça da Jângal!

- Assim dizem... Observa agora se os dholes te seguem.

- Certo que me hão de seguir, Ho!Ho! Tenho muitos espinhos na língua para espetar-lhes na pele e assim fazê-los seguirem-me.

- Se te acuarem cegamente, os que não morrerem em cima serão forçados a lançar-se n'água, aqui ou além, porque o Povo Miúdo se erguerá em massa e breve cobrirá grande área. Mas as águas do Waingunga são coléricas e eles não terão nenhuma Kaa para os amparar; irão rolando até os rastos próximos de Seeonee, ponto em que a tua alcatéia poderá ferrá-los na garganta.

- Ahai! Eowawa.' A idéia é boa como chuva caída em estação de seca! Tenho apenas de correr e saltar a barranca. Antes disso me farei notado dos dholes, de modo que me sigam nos calcanhares.

- Examinaste as rochas que ficam sôbre tua cabeça, ao lado da terra?

- Não. Esqueci-me de as observar.

- Vai vê-las. É pedra podre, cheia de buracos. Um teu pé ali metido sem atenção, porá fim a tudo. Vamos. Deixo-te aqui - e apenas por amor a ti irei avisar a Alcatéia e dizer onde devem esperar os dholes. Sim, porque eu não me interesso por lobos.

Quando Kaa nutria desprezo por um povo, tornava-se para ele o mais desagradável animal da Jângal, exceção feita de Bagheera. A serpente nadou corrente abaixo até que em certo ponto viu Fao e Akela, atentos aos rumores noturnos.

- Hssh! Cães, silvou ela alegremente, Os dholes descerão o rio. Se não fordes covardes, podereis matá-los nos rasos.

- Quando virão? perguntou Fao.

- Onde está o Filhote de Homem? perguntou Akela,

- Virão quando vierem, respondeu Kaa, Esperai-os. Quanto ao «vosso» Filhote de Homem, ao qual tomaste a Palavra, deixando-o livre à Morte, «vosso» Filhote de Homem está «comigo», e se ainda vive não é a vós que o deve, ó cães descorados! Esperai pelos dholes e lambei as unhas por estarmos do vosso lado, eu e o filhote.

Kaa deslizou outra vez rio acima e ancorou no meio da garganta, olhando para o alto. Imediatamente viu, na fímbria da barranca, a cabeça de Mowgli em silhueta contra o céu, Logo em seguida algo sibilo no ar e *schlup!* um corpo de pés juntos caiu n'água, Instantes após o mergulhador descansava nas roscas de Kaa.

- Já pulei duas vezes por esporte, disse Mowgli calmamente, mas o ponto lá em cima é mau - arbustos baixos e voçorocas fundas, cheias de Povo Miúdo, Amontoei grandes pedras, umas em cima das outras, na beira de três voçorocas, para fazê-las cair no fundo quando vier correndo. Isto fará o Povo Miúdo erguer-se atrás de mim, tomado de cólera cega.

- Falas como Homem, com a astúcia do Homem, disse Kaa. Mas é preciso que saibas que o Povo Miúdo vive em permanente cólera.

- Madrugadinha todas as asas ainda repousam. Irei provocar os dholes, os quais preferem caçar de dia. Eles estão a seguir a pista sangrenta de Won-tolla.

- Chil, o Abutre, nunca abandona um boi morto – nem os dholes abandonarão uma pista sangrenta.

- Nesse caso dar-lhes-ei nova pista sangrenta, traçada com o próprio sangue dhole. Esperar-me-ás aqui, Kaa, até que eu volte com os meus dholes?

- Sim, mas se te matam na Jângal, ou se o Povo Miúdo te apanha antes que tenhas saltado?

- Quando o dia de amanhã vier, caçaremos para o dia de amanhã, respondeu Mowgli repetindo um dito da Jângal. Depois disso acrescentou: Se eu morrer, que me cantem o Canto da Morte. Boa caçada, Kaa.

Mowgli soltou o braço do pescoço da serpente e desceu a correnteza como um tronco que bóia; em certo ponto nadou para a margem onde a água remansava. Ria-se alto, tomado de estranha sensação de felicidade. De coisa nenhuma gostava mais do que, como dizia «puxar os bigodes da Morte», fazendo assim que a Jângal conhecesse ser ele o chefe. Frequentemente, com a ajuda de Baloo, havia furtado mel de colméias isoladas; por isso sabia que as abelhas detestam o cheiro do alho selvagem. Colheu uma braçada dessa planta, amarrou-a em feixe com embira e só então se dirigiu para o rasto sangrento de Won-tolla, no ponto em que tomava rumo para os antros da sua Alcatéia. Caminhou cerca de cinco milhas, rindo-se para as árvores.

- Mowgli, a Rã, já fui, dizia para si mesmo. Mowgli, o Lobo, eu mesmo proclamei que sou, Agora tenho que virar Mowgli, o Macaco, antes que me torne Mowgli, o Gamo. No fim de tudo voltarei a ser Mowgli, o Homem. Ho! e acariciou a longa lâmina de sua faca.

O rasto de Won-tolla, manchado de sangue negro, passava por dentro duma floresta de árvores espessas, muito juntas, que seguia direção noroeste, gradualmente diminuindo até extinguir-se a duas milhas da Roca das Abelhas. Da última árvore da floresta aos arbustos nanicos da Roca havia um descampado onde dificilmente se esconderia um lobo. Mowgli trotou sob as árvores, medindo as distâncias entre galho e galho, trepando a várias e experimentando saltar duma para outra até alcançar o descampado, que foi cuidadosamente perquirido durante uma hora. Depois voltou, retomou o rasto de Won-tolla onde o havia deixado, ajeitou-se num galho de árvore que ficava a uns oito pés do chão e ali esperou, a trautear cantigas para si próprio e a afiar a faca na sola dos pés.

Pouco antes do meio-dia, quando o sol já estava bastante quente, ouviu o patear e sentiu a abominável catinga do bando de dholes, em trote pelo rasto de Won-tolla. Vistos de cima, pareciam menores que os lobos, mas o rapaz sabia quão rijos de pés e dentes eram. Fixou os olhos na cabeça, que vinha à frente farejando o solo, e gritou-lhe o «Boa caçada!»

O bruto olhou para cima, enquanto seus companheiros entreparavam. Eram dezenas e dezenas de cães ruivos, com caudas pendentes, ombros fortes, quartos mais

fracos e bocas sanguinárias, São os dholes um povo calado e sem maneiras certas, mesmo na Jângal -que habitam. Cerca de duzentos deviam estar ali, encabeçados pelos chefes, que farejavam o rasto de Won-tolla e faziam o bando mover-se para a frente. A intenção de Mowgli era mantê-los em redor da sua árvore até à tardinha.

- Com licença de quem penetrais aqui? perguntou ele.

- Tôdas as Jângals são a nossa Jângal, foi a resposta - e o dhole que a deu arreganhava os dentes alvíssimos.

Mowgli olhou para baixo, rindo-se, e imitou perfeitamente o grito agudo de Chicai, o rato saltador do Dekkan, querendo significar que não tinha os dholes em melhor conta que os Chicai. O bando rodeou o tronco e o chefe latiu asselvajadamente, chamando a Mowgli macaco. Como resposta Mowgli espichou uma das suas pernas e buliu com os dedos bem em cima da cabeça do chefe. Foi mais que bastante para lançar todo o bando na mais estúpida raiva. Os que têm pêlos entre os dedos dos pés não querem ser lembrados disso. Mowgli recolheu o pé quando o chefe soltou para agarrá-lo e disse-lhe amavelmente:

- Cão, cão ruivo! Volta para o Dekkan, a comer lagartixas. Vai para a companhia dos Chicai, teus irmãos – cão ruivo, cão ruivo! E buliu com os dedos dos pés pela segunda vez.

- Hás de descer, ou morrerás de fome aí, macaco pelado! latiu o bando - e era justamente que Mowgli queria. Deitou-se então ao longo do galho e disse aos furiosos dholes tudo quanto pensava a respeito dêles, de suas maneiras, de seus costumes, de suas fêmeas e filhotes, Não há no mundo linguagem mais rancorosa e cruel do que a que o Povo da Jângal usa para mostrar desprezo. Mowgli havia dito a Kaa que tinha muitos espinhos na boca para lançar contra os dholes. Era certo. Lançou-os lentamente, um por um, levando os cães vermelhos do silêncio ao latido, do latido ao uivo e dêste a verdadeiros rugidos de fúria.

Os dholes experimentaram revidar, mas isso valia tanto como os momos dum filhote contra a cólera de Kaa; e todo o tempo a mão direita de Mowgli permaneceu crispada no cabo da faca, enquanto seus pés se trançavam em torno ao galho. O reforçado chefe - dhole já tinha dado muitos botes sem que Mowgli ousasse arriscar um golpe em falso. Por fim, enfurecido por nôvo insulto em grau que sobreexcedia suas próprias forças, o dhole pulou a oito pés de altura. A mão de Mowgli não vacilou. Lançou-se, qual cabeça de serpente arbórea, e agarrou-o pela pelhanca do pescoço. O galho vergou com o choque a ponto de quase virem os dois ao chão. Mowgli não perdeu a presa, porém, e, polegada a polegada, içou o bruto, pendurado pela gorja, até em cima do galho. Com a mão esquerda alcançou a faca e cortou-lhe a peluda cauda vermelha deixando-o cair por terra em seguida. Era tudo quanto necessitava. O bando não mais se moveria daí para seguir o rasto de Won-tolla antes que Mowgli o destruísse todo ou fosse por ele destruído. Mowgli viu-os disporem-se em círculos, com um tremor nas ancas significativo de que ali ficariam toda a vida. Então subiu vários galhos acima, ajeitou-se comodamente numa forquilha e dormiu.

Três ou quatro horas depois acordou e contou os dholes. Lá estavam todos - calados, inflexíveis, com olhos de aço. O sol começava a descambar. Dentro de meia hora o Povo Miúdo da Roca das Abelhas teria terminado o seu trabalho do dia. Também chegava a hora que os dholes preferem para lutar.

- Eu não precisava de tantos fiéis guardas, disse Mowgli polidamente, pondo-se em pé no seu galho, mas guardarei lembrança da gentileza. Sois verdadeiros dholes - mas muito iguais uns aos outros. Por esse motivo, para que varieis um pouco, não restituo a cauda do chefe comedor de lagartos. Estás satisfeito, ó Cão Ruivo?

- Com meus dentes hei de arrancar-te o estômago! urrou o chefe, lanhando furioso a casca da árvore.

- Reflete, ilustre rato do Dekkan, que doravante vão aparecer muitas ninhadas de cãezinhos ruivos com toquinhos de cauda, que muito sofrerão quando a areia estiver quente. Volta para tua terra, Cão Ruivo, e conta que um macaco te fez isso. Não vais? Então segue-me, que te farei sabido daqui por diante.

Mowgli passou, à moda dos «Bandar-log», para a árvore próxima e dessa à seguinte, indefinidamente, sempre seguido pelo bando de famintas cabeças alçadas. A espaços fingia cair e o bando se atropelava na ânsia de agarrá-lo. Espetáculo de ver-se - o rapaz com a faca a rebrilhar ao sol moribundo e o silencioso bando de ruiva pelagem incendiada, negaceando-o e seguindo-o.

Quando Mowgli alcançou a última árvore da floresta, tomou o feixe de folhas de alho selvagem e com elas esfregou o corpo inteiro. Os dholes rosnaram de desprezo.

- Macaco pelado com língua de lobo, queres assim esconder tua catinga? Inútil. Nós te seguiremos até à Morte.

- Toma o teu rabo, gritou Mowgli lançando-o no meio dos dholes; e enquanto o bando inteiro, instintivamente, se atirava ao apêndice restituído, o rapaz gritou: E agora, segui-me, cães, segui-me até à Morte...

Disse e escorregou da árvore abaixo, lançando-se numa corrida doida como um vento de pés descalços em direção à Roca das Abelhas, antes que os dholes compreendessem o que estava fazendo.

Um uivo uníssono soou e todo o bando atirou-se numa corrida furiosa, de vencer a tudo quanto corre. Mowgli sabia que o seu galope era muito menos rápido que o dos dholes e jamais teria arriscado com eles corrida de duas milhas em campo raso. Os dholes estavam certos de que o rapaz lhes cairia nos dentes no fim, como certo estava Mowgli de que até ao fim conduziria o jogo como o planejara. Todo o seu empenho estava em conservar os dholes suficientemente excitados atrás de si, desse modo prevenindo que de súbito mudassem de rumo. Mowgli corria vivamente em linha reta, com o dhole sem cauda a menos de cinco jardas do seu calcanhar; os demais o seguiam por um espaço de quarto de milha, cegos de cólera e sedentos de sangue, Mowgli media a distância com o ouvido, reservando suas últimas forças para o salto à torrente, por cima da Roca das Abelhas.

O Povo Miúdo recolhera-se no começo do crepúsculo, porque não era estação de flores vespertinas; mas quando Mowgli alcançou o trecho esburacado de pedra podre, ouviu um som uniforme, como se toda a terra estivesse a zumbir. Então correu, como ainda não havia corrido em toda a sua existência, desmoronou uma, duas, três das pilhas de pedras amontoadas nas voçorocas, ouviu um rebôo semelhante ao rugido do mar em caverna, vislumbrou com o rabo dos olhos o ar a escurecer de abelhas atrás de si e viu a torrente do Waingunga lá embaixo, com uma cabeça chata à sua espera. Saltou, então, com o dhole sem cauda já a tocá-lo nos ombros e caiu de pés juntos n'água, sem fôlego mas triunfante. Não o picou uma só abelha, porque o cheiro do alho selvagem afastara de

si o Povo Miúdo durante os segundos em que lhe cortou a nuvem. Quando Mowgli emergiu do mergulho que dera, as roscas de Kaa estavam enleadas nê - e bolos vivos rolavam do alto das rochas - bolos de abelhas, que antes de atingir a água se soltavam, revoando para cima e deixando que o corpo de um dhole viesse mergulhar na torrente. No alto, um coro furioso de ladridos curtos, abafado pelo zumbir imenso dos milhões de asas do Povo Miúdo. Alguns dholes tinham caído nas voçorocas comunicantes com as cavernas subterrâneas, e debatiam-se asfíxiados no meio das colméias atingidas; por fim, moribundos, com espessas nuvens de abelhas como a impedi-los, rolaram pelas fendas exteriores para o rio, indo encalhar na prainha dos detritos. Outros haviam saltado sobre os tufo de vegetação das barrocas, onde as abelhas logo os revestiam numa fervilhante camisa de fogo; a maioria, porém, enlouquecida pelas ferretoadas, precipitara-se no rio - e o Waingunga, como observara Kaa, era uma água faminta.

Kaa susteve Mowgli nas suas rôscas até que o fôlego lhe voltasse.

- Não podemos ficar aqui, disse êle logo que readquiriu a voz. O Povo Miúdo está em pé de guerra. Vamo-nos!

Nadando baixo e mergulhando o mais que podia, Mowgli desceu a torrente, de faca em punho.

- Devagar, devagar! recomendou Kaa. Um dente não mata um cento, a não ser que seja dente de cobra. Muitos dholes alcançaram a água antes que as abelhas os atingissem.

- Melhor para a minha faca, então. Phai! Como o Povo Miúdo está alerta! exclamou Mowgli antes de nôvo mergulho. O ar sobre a superfície das águas escurecera de abelhas selvagens, que zumbiam raivosas e ferretoavam o que quer que encontrassem.

Cerca de metade dos dholes tinha percebido a armadilha em que seus companheiros caíram; esses voltaram-se rápido e abrigaram-se no ponto onde as águas do rio, vencida a garganta, banhavam os bancos de areia. Seus gritos de cólera e ameaças contra o macaco pelado que os ludibriara, misturavam-se com os uivos de dor dos moribundos. Ficar nos bancos era morte; cada dhole sabia disso. Em conseqüência, o bando derivou água abaixo, para os fundos remoinhos do Poço da Paz, mas ainda lá os seguiram as coléricas abelhas, forçando-os a permanecerem n'água. Mowgli pôde ouvir a voz do chefe derrabado, a animar seu povo com a perspectiva da matança de todos os lobos de Seeonee. Mas não perdeu tempo.

- Alguém nos mata por baixo! gritou um dhole. A água está tinta de sangue.

Mowgli tinha mergulhado, qual lontra, e puxado um dhole para debaixo d'água antes que ele pudesse abrir a boca - e logo círculos de sangue tingiram a correnteza enquanto o cadáver do animal vinha à tona, a boiar sôbre um dos lados. Os dholes tentaram voltar, mas a corrente os impediu e o Povo Miúdo os ferreteou nas orelhas e focinho. Enquanto isso, soava ao longe o uivo de desafio da Alcatéia de Seeonee, cada vez mais profundo vindo de dentro da escuridão. Outra vez Mowgli mergulhou e novo dhole desapareceu para logo em seguida emergir morto. O clamor ergueu-se no bando; uns achavam melhor saírem d'água; outros pediam ao chefe que os levasse de novo ao Dekkan; outros intimavam Mowgli a que se mostrasse.

- Eles vêm para a luta com dois estômagos e várias vozes, disse Kaa. O resto é com os teus irmãos lobos, lá embaixo. O Povo Miúdo vai recolher-se. Trouxe-nos para bem longe. Também vou agora recolher-me, porque não sou amiga de lobos. Boa caçada, Irmãozinho, e não te esqueças de que os dholes mordem baixo.

Um lobo surgiu no banco de areia, mancando sobre três patas, de cabeça rente ao solo, dorso arqueado, a gingar como se estivesse de brinquito com os filhotes. Era Won-tolla, o Arredio, que não pronunciou palavra, mas continuou seu horrível esporte diante dos dholes. Haviam estado estes já muito tempo n'água, de modo que nadavam com desalento, entangidos, arrastando as caudas como esponjas, tão desfeitos que guardaram silêncio diante do par de fulgurantes olhos que os mirava do lado oposto.

- Isto não é boa caçada, murmurou um deles ofegante.

- Boa caçada, sim! gritou Mowgli emergindo de súbito e cravando-lhe a faca no peito, num movimento rapidíssimo para evitar o bote da vítima.

- Estás aí, Filhote de Homem? perguntou Won-tolla do outro lado.

- Pergunta aos mortos, Arredio! respondeu o rapaz. Nenhum desceu a corrente? Enchi de areia a boca destes cães. Empulhei-os de dia claro e seu chefe está sem cauda. Mas restam alguns para ti. Para onde queres que eu os conduza?

- Esperá-los-ei aqui, respondeu Won-tolla. Tenho toda a noite na minha frente.

Cada vez mais perto se fazia ouvir o grito de guerra dos lobos de Seeonee. Mais uma curva do rio vencida - e os dholes despejariam nos rasos, como o queria Mowgli.

Só então compreenderam a falta cometida. Podiam ter saído d'água meia milha acima e atacado os lobos em terreno seco. Era tarde agora. A praia estava alinhada de olhos chamejantes e, exceto o horrível «pheel» que não cessara de soar desde a caída da noite, nenhum outro som quebrava o misterioso silêncio da Jângal.

- Para terra! gritou o chefe dos dholes. O bando inteiro embicou para a praia e as águas do Waingunga branquejaram de espuma, abrindo-se em ondas lado a lado, como se um grande bote rompera por ali. Mowgli lançou-se à frente e esfaqueou e cortou quantos pôde.

A grande luta começou então ao longo das areias úmidas, sobre e entre as emaranhadas raízes das árvores, em redor e em cima das moitas de arbustos e gramíneas. Os dholes ainda eram dois para um. Mas tinham pela frente lobos que lutavam por tudo quanto fazia a Alcatéia e não como caçadores habituais. Tinham pela frente as «lahinis», lobas de olhar ansioso que se batiam pela prole, aqui e ali seguidas de filhotes de ano, que as não largavam. O lobo atira-se à garganta ou ferra nos flancos do inimigo, ao passo que o dhole morde de preferência na barriga. Assim, quando os dholes estavam lutando fora d'água e tinham de erguer a cabeça, o azar corria do lado dos lobos. Na terra seca os lobos sofriam, mas na água ou na praia a faca de Mowgli trabalhava sem cessar. Seus quatro companheiros batalhavam ao seu lado. O Irmão Gris, agachado entre seus joelhos, protegia-lhe o estômago, enquanto os outros guardavam as costas e os flancos, ou trepavam sobre ele quando o salto dum dhole esfaqueado o fazia vir ao chão com o

choque. Reinava quanto ao resto terrível confusão - massa cega que oscilava da direita para a esquerda e da esquerda para a direita ao longo do banco de areia, regirando lentamente em tomo de si própria, Aqui, um monte, como bolha em remoinho, o qual rebentava como rebentam bolhas, e lançava para cima quatro ou cinco dholes espernejantes que forcejavam por voltar ao centro; ali, um lobo engalfinhado por dois ou três dholes que laboriosamente o arrastavam para adiante, caindo a espaços; lá, um lobinho de ano erguido no ar pela pressão em redor dele, já morto, enquanto sua mãe, louca de fúria, redobrava a violência das suas maxilas.

Em certo momento Mowgli cruzou-se com Akela e o viu com um dhole de cada lado, segurando um terceiro pela espinha com a sua boca desdentada... Também viu Fao com os dentes cerrados na garganta dum inimigo ao qual arrastava para onde os mais novos o pudessem acabar. Notou que o grosso da luta era constituído por cego asfixiamento no escuro - golpe, bote, Jatido, uivo e tumulto - em redor dele, atrás, adiante. À medida que a noite avançava a fúria do combate recrudescia. Os dholes já receavam atacar tão fortes lobos, mas ainda assim não ousavam retirar-se. Mowgli percebeu que o termo da refrega estava próximo e limitava-se a pôr inimigos fora de ação. Os lobinhos de ano cresciam de intrepidez; já Mowgli ousava de quando em vez tomar fôlego e passar uma palavra a um amigo. O simples reluzir da sua faca fazia o dhole recuar.

- A carne está muito perto do osso, uivou o Irmão Gris, ferido em vinte pontos do corpo.

- Mas o osso tem que ser quebrado, replicou Mowgli. Eowawa! Assim trabalhamos na Jângal! e sua faca vermelha caiu, qual língua de fogo, sobre o flanco de um dhole cujos quartos traseiros estavam ocultos por um lobo.

- Minha caça! rosnou esse lobo. Deixa-o comigo só.

- Está ainda vazio o teu estômago, Won-tolla? perguntou o rapaz numa risada.

O lobo manco mostrava-se horrivelmente ferido; mesmo assim suas fauces haviam paralisado o dhole, que não conseguia voltar-se para o morder.

- Pelo Touro que me comprou! O Sem Rabo! exclamou Mowgli surpreso, vendo que realmente era aquele dhole o derrabado chefe do bando. Não é direito matares filhotes e lahinis, observou-lhe o rapaz filosoficamente, limpando o sangue dos olhos, a não ser que mates também Arredio - e é diante de mim que este Won-tolla dá cabo de ti!

Outro dhole saltou em auxílio do chefe, mas, antes que seus dentes alcançassem o flanco de Won-tolla, a faca de Mowgli já lhe lacerara a garganta. O Irmão Gris completou a obra.

- Assim trabalhamos na Jângal! repetia Mowgli, trepidante.

Won-tolla nada disse; apenas suas maxilas mais se apertaram na espinha do inimigo. O dhole sem rabo estremeceu, pendeu a cabeça, imobilizou-se. Won-tolla o largou então.

- Huh! A Dívida de Sangue está paga, exclamou Mowgli. Canta o Canto da Dívida de Sangue, Won-tolla!

- Esse não caçará mais, disse o Irmão Gris. Também Akela não caçará mais. . .
- O osso está quebrado! trovejou Fao, filho de Faona. Fogem! Os dholes fogem! Mata, mata, ò caçadores do Povo Livre!

Uns após outros retiravam-se os dholes das sangrentas areias do banco, rumo ao espesso da Jângal - rio acima, rio abaixo, por onde pudessem.

- A dívida! A dívida! gritou Mowgli. Que seja paga a dívida! Eles mataram Akela, o Lobo Solitário! Que não fique um cão impune!

Disse e correu de faca em punho para o rio a fim de impedir que o inimigo ganhasse a água. De passagem viu erguer-se duma pilha de mortos a cabeça de Akela. Mowgli atirou-se a ele.

- Não te disse eu que esta luta seria a minha última luta? murmurou com, voz moribunda o Lobo Solitário. E tu, Irmãozinho?

- Matei a inúmeros, mas vivo.

- Pois eu morro, e queria... queria morrer perto de ti, Irmãozinho.

Mowgli ajeitou sobre seus joelhos aquela querida cabeça duramente castigada e passou os braços em torno ao pescoço do seu amigo.

- Longe vão os velhos dias de Shere Khan e do Filhote de Homem que me apareceu nuzinho na caverna...

- Não! Não! Sou lobo. Sou do mesmo sangue do Povo Livre, gritou Mowgli. Jamais por vontade minha serei homem.

- És homem, Irmãozinho, lobo apenas de criação. Tu és um homem, ao contrário teria a Alcatéia fugido diante dos dholes. Já devi minha vida a ti e hoje salvaste a Alcatéia, como em tempo te salvei. Todas as dívidas estão pagas. Volta para teu povo. Digo-te outra vez, ó olho do meu olho, que esta caçada chegou ao fim. Volta para teu povo - para os homens.

- Nunca! Eu caçarei sozinho na Jângal. Já o disse.

- Depois do verão vêm as chuvas e depois das chuvas vem a primavera. Volta antes que te expulsem.

- Quem, expulsar-me?

- Mowgli expulsar Mowgli. Volta para teu povo. Volta para os homens.

- Quando Mowgli expulsar Mowgli, então voltarei,

- Nada mais tenho a dizer, concluiu Akela, Irmãozinho, poderás erguer-me nos pés? Também fui chefe do Povo Livre...

Muito cuidadosamente Mowgli ergueu Akela de pé, com os braços em tomo ao seu pescoço. O Lobo Solitário tomou então longo fôlego e entoou o Canto da Morte, que um que já foi chefe deve cantar quando se extingue. Sua voz ganhou força; atravessou o rio, Ao soar o último «Boa Caçada!» Akela desprende-se de Mowgli, deu um salto e caiu morto.

Mowgli sentou-se com a cabeça mergulhada nos joelhos, alheio a tudo, enquanto o remanescente dos dholes em retirada sofria a atroz perseguição das impiedosas lahinis. Pouco a pouco os gritos foram morrendo e os vitoriosos começaram a voltar, manquejantes, exaustos, sangrentos. Vinham dar balanço às perdas. Quinze machos e seis lahinis jaziam mortos no banco de areia. Quanto aos outros, nenhum ficara incólume.

Mowgli continuou imerso na sua dor até que o focinho úmido de Fao lhe viesse tocar na mão. Ergueu então a cabeça e apontou para o corpo de Akela.

- Boa caçada! rosnou Fao - e embora o corpo de Akela ainda mostrasse estremeções de vida, gritou por cima dos ombros feridos: Uivai, cães! Um grande lobo morreu esta noite!

Mas dos duzentos cães vermelhos, cuja senha era que todas as Jângals eram a sua Jângal e que nenhuma criatura viva jamais se interpunha à sua passagem, nem um só voltou ao Dekkan para transmitir o grito de Fao.

Canção de Chi

*Eles foram meus amigos pela noite caminhando...
(chil! cuidado, chil!)*

O final de seu combate vou eu agora anunciando...
(chil! Arautos de chil!)

Eles do alto me falavam de abatidos animais,
E de gamos na planície iam me dando sinais -
Aqui é o fim de toda pista - e eles não falarão mais.
Deram o grito de caça os que nesta hora os seguiram -
(chil! Cuidado, chil!)

Eles que o Sambhur visaram e quando passou feriram
(chil! Arautos de chil!)

Os que precedem o vento, os que vão diante do vento
E evitam o corno curto - e o vencem por um momento
Este é o fim de toda a pista, é o fim de todo movimento.
Eles foram meus amigos. Já morreram. Tende pena!
(chil! cuidado, chil!)

Vou agora conso-lá-los eu que os vi na força plena.
(chil! Arautos de chil!)

Flancos rotos, bocas rubras, olhos fundos, doloridos,
Solitários lá ficaram os seus corpos estendidos,
Este é o fim de toda a pista... os meus não de ser nutridos!



- 1 - Os Irmãos de Mowgli
- Quiquern
- 2 - As Caçadas de Kaa
- Toomai dos Elefantes
- 3 - Como apareceu o medo
- Jacala, o crocodilo
- 4 - O Milagre de Purun Baghat
- Servidores da Rainha
- Tigre! Tigre!
- 5 - Kotick, a Foca Branca
- Os Cães Vermelhos
- 6 - O Avanço da Jangal
- Rikki-Tikki-Tavi
- 7 - A Embriaguês da Primavera
- O Ankus do Rei